

## Hinos de Futebol em Portugal e no Brasil: dos hinos marciais aos populares<sup>1</sup>

Elcio Loureiro Cornelsen\*

**Resumo:** Nossa contribuição visa à análise comparativa das letras de alguns hinos de clubes de futebol de Portugal e do Brasil à luz da fase de transição dos hinos marciais das primeiras décadas do século XX para os hinos populares a partir da década de 1940. Para isso, elegemos as letras dos hinos do Sport Lisboa e Benfica de Portugal e, respectivamente, do Fluminense Sport Club, do Brasil para comporem o *corpus* de análise. Em termos metodológicos, a partir de um olhar transdisciplinar, pensamos a relação entre literatura, música e futebol através da análise das letras de hinos, tomando por base seus elementos líricos, épicos e dramáticos.

**Palavras-chave:** futebol e poesia; futebol e música; hinos de clubes; futebol e discurso.

**Abstract:** Our contribution aims at a comparative analysis of the lyrics of some anthems of football clubs in Portugal and Brazil in light of the transition from martial anthems of the first decades of the twentieth century to the popular anthems from the 1940s. For this, we chose the lyrics of the anthems of Sport Lisboa e Benfica of Portugal and, respectively, the Sport Club Fluminense of Brazil to compose the corpus analysis. In terms of methodology, from a transdisciplinary look, we think the relationship between literature, music and football by analyzing the lyrics of the anthems, based on its lyric, epic and dramatic elements.

**Keywords:** football and poetry; football and music; club anthems; football and speech.

### Introdução

Nossa contribuição visa à análise comparativa das letras de alguns hinos de clubes de futebol de Portugal e do Brasil à luz da fase de transição dos hinos marciais das primeiras décadas do século XX para os hinos populares a partir da década de 1940.

Orientados um olhar transdisciplinar, pensamos a relação entre literatura, música e futebol através da análise das letras de hinos, tomando por base seus elementos líricos (forma; estrofação; metrficação; rima), épicos (cena enunciativa; espacialização; feitos heróicos e conquistas e/ou virtudes; identidade simbólica) e dramáticos (afetividade; apelo à fidelidade; emoção; louvor).

---

\* Faculdade de Letras, UFMG; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq; Bolsista do Programa Pesquisador Mineiro da FAPEMIG. Doutor em Estudos Germânicos pela Freie Universität Berlin, Alemanha (1999). Líder do FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (UFMG; desde 2010). Professor Associado em Língua e Literatura Alemã (graduação) e Teoria da Literatura e Literatura Comparada (Pós-graduação), na Faculdade de Letras da UFMG, e em Estudos do Lazer (pós-graduação), na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Endereço para correspondência: UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais; FALE – Faculdade de Letras. Av. Pres. Antonio Carlos 6.627 – Gab. 4044 – Campus Pampulha 31.270-901 – Belo Horizonte-MG

Para isso, elegemos as letras dos hinos do Sport Lisboa e Benfica (1929 e 1953), de Portugal e, respectivamente, do Fluminense Sport Club (1915, 1920 e década de 1940), do Brasil para comporem o *corpus* de análise.

Em termos teóricos, fundamentamos nossa análise a partir das reflexões propostas por Anatol Rosenfeld (1965: 3-26) ao discutir os gêneros literários de acordo com sua adjetivação, ou seja, como elementos épicos, líricos e dramáticos que podem estar presentes, simultaneamente, numa dada obra ou texto. A seguir, efetuaremos a análise das letras de hinos de clubes de futebol de Portugal e do Brasil, aplicando, para isso, os conceitos associados a tais elementos postulados por Rosenfeld.

## **1. Hinos de Clubes de Futebol de Portugal e do Brasil**

### **1.1. O Sport Lisboa e Benfica e seus hinos**

Fundado em 1904, o Sport Lisboa e Benfica possui dois hinos. O primeiro hino oficial, com letra de Félix Bermudes e música de Alves Coelho, data de 1929:

Todos por um! Eis a divisa,  
Do velho Clube Campeão,  
Que um nobre esforço imortaliza,  
Em gloriosa tradição.

Olhando altivo o seu passado,  
Pode ter fé no seu futuro.  
Pois conservou imaculado  
Um ideal sincero e puro.

#### **REFRÃO**

Avante, avante p'lo Benfica,  
Que uma aura triunfante Glorifica!  
E vós, ó rapazes, com fogo sagrado,  
Honrai agora os ases  
Que nos honraram o passado!

Olhemos fitos essa Águia altiva,  
Essa Águia heráldica e suprema,  
Padrão da raça ardente e viva,  
Erguendo ao alto o nosso emblema!

Com sacrificio e devoção  
Com decisão serena e calma,  
Dêmos-lhe o nosso coração!  
Dêmos-lhe a fé, a alma!<sup>2</sup>

O compositor dessa letra, Félix Bermudês, foi presidente do Sport Lisboa e Benfica nos períodos de 1916 a 1917, 1930 a 1931 e, respectivamente, 1945. Ao analisá-la, constatamos que, quanto aos elementos líricos, revela-se através do texto certa rigidez na composição formal da letra, traço característico dos primeiros hinos de clubes de futebol, em geral, de caráter marcial.

Por sua vez, ao analisarmos a letra, considerando seus elementos épicos, constatamos que a construção da cena narrativa revela a ausência do emprego de 1ª pessoa do singular. Com isso, não há o investimento num eu-lírico, que transmita sua subjetividade diante do clube. Esse também é um aspecto comum nos primeiros hinos de caráter marcial, pois a ênfase recai sobre a combatividade e não à afetividade.

Além disso, com relação aos demais elementos épicos, constata-se a ausência de espacialização, sem referência ao âmbito em que o clube atua, mas as virtudes do clube são enaltecidas: nobreza, imortalidade, tradição, altivez, triunfo, honradez, supremacia. Em geral, os primeiros hinos exploram justamente as virtudes, sempre atemporais, e não eventos específicos e datados. Mas a identidade simbólica se faz presente na letra do hino composto por Félix Bermudês através dos versos “Olhemos fitos essa Águia altiva, / Essa Águia heráldica e suprema”, numa menção ao escudo do Benfica.

Por sua vez, os elementos dramáticos, cuja função é apelar para a mobilização do torcedor são marcados textualmente quanto à afetividade e à emoção. Embora se trate da projeção de um sujeito coletivo, há a construção de uma relação de afeto e devoção ao clube do coração. Porém, a letra não contém elementos dramáticos de apelo à fidelidade ou mesmo de louvor.

Todavia, o primeiro hino oficial do Sport Lisboa e Benfica foi proibido em 1942, durante a ditadura de Antônio de Oliveira Salazar (1933-1974), segundo consta, pela conotação comunista da palavra “avante” no primeiro verso do refrão do hino.<sup>3</sup> Levou algum tempo, até que, em 1953, foi criado o segundo hino oficial com o tema “Ser Benfiquista”, com letra e música de Paulino Gomes Junior:

Sou do Benfica  
E isso me envaidece  
Tenho a genica  
Que a qualquer engrandece  
Sou de um clube lutador  
Que na luta com fervor

Nunca encontrou rival  
Neste nosso Portugal.

(Refrão)

Ser Benfiquista  
É ter na alma a chama imensa  
Que nos conquista  
E leva à palma a luz intensa  
Do sol que lá no céu  
Risonho vem beijar  
Com orgulho muito seu  
As camisolas berrantes  
Que nos campos a vibrar  
São papoilas saltitantes.<sup>4</sup>

Quanto aos aspectos líricos, constata-se que, se comparado com o primeiro hino oficial, o segundo hino ainda apresenta alguns traços formais, porém em menor grau do que o hino anterior.

Antes de prosseguirmos com a análise do segundo hino oficial do Benfica, devemos ressaltar que sua criação deveu-se à proibição do primeiro hino pelo regime ditatorial e, portanto, não tem a ver diretamente com um gesto de popularização dos antigos hinos marciais, como geralmente se constata. Entretanto, constata-se que há uma mudança significativa em termos de menor apego a questões formais, o que é comum também em letras de hinos de caráter popular.

Retomando a análise da letra do segundo hino oficial do Benfica, especificamente em seus elementos épicos, constatamos que, se a letra do primeiro hino oficial apresentava a 1ª pessoa do plural como predominante, enfatizando assim o caráter coletivo e de combatividade, a letra do segundo hino oficial enfatiza a 1ª pessoa do singular, numa mudança significativa, pois o enfoque é o torcedor enquanto indivíduo em sua relação afetiva com o clube.

Quanto aos demais elementos épicos, a referida letra apresenta índices de espacialização, seja do âmbito nacional (Portugal), seja do âmbito local (campos), aspecto esse ausente na letra do hino anterior. Além disso, não são marcados feitos heroicos na letra do hino, e sim apenas as virtudes: luta, fervor, orgulho, vibração. Já a identidade simbólica ganha peso maior com referência a designações, ao uniforme e à alcunha atribuída ao clube: “Eu sou do Benfica”; “Ser Benfiquista” (nome; designação); “As camisolas berrantes / [...] São papoilas saltitantes” (uniforme; alcunha).

Por sua vez, constata-se também uma mudança com relação aos aspectos dramáticos, se comparado com o primeiro hino oficial. Embora o louvor, enquanto marca textual, esteja ausente na letra, o fato de a ênfase da cena narrativa recair sobre a 1ª pessoa do singular faz com que a emoção também seja marcada nos versos “E isso me envaidece”; “Que na luta com fervor”; “É ter na alma a chama imensa”.

Há, portanto, mudanças significativas na letra do segundo hino, que tende mais para o caráter popular: a ênfase na 1ª pessoa do singular, a marcação da espacialização, e um maior número de aspectos que marcam a identidade simbólica, além de marcações textuais emotivas.

## 1.2. O Fluminense Football Club e seus três hinos

No futebol brasileiro, o Fluminense Football Club, fundado em 1902 na cidade do Rio de Janeiro, é um dos exemplos mais produtivos quando o assunto é hino de futebol. Desde sua fundação até os dias de hoje, o clube conheceu três hinos, sendo os dois primeiros oficiais e o terceiro, de caráter popular. O primeiro hino data de 1915, com letra de autoria do escritor Coelho Netto (1864-1934) e música baseada na canção “It's a long, long way to Tipperary”, composta por Jack Judge e Harry Williams em 1912, que se tornou muito popular entre os militares do exército britânico durante a Primeira Guerra Mundial:

O Fluminense é um crisol  
Onde apuramos a energia  
Ao pleno ar, ao claro sol  
Lutando em justas de alegria  
O nosso esforço se congraça  
Em torno do ideal viril  
De avigorar a nova raça  
Do nosso Brasil!

Corrige o corpo como artista  
Vida imprime à estátua augusta  
Faz da argila uma robusta  
Peça de aço onde a alma assista  
Na arena como na vida  
Do forte é sempre a vitória  
Do estádio foi que a Grécia acometida  
Irrompeu para a glória

Ninguém no clube se pertence  
A glória aqui não é pessoal  
Quem vence em campo é o Fluminense

Que é, como a Pátria, um ser ideal  
Assim nas justas se congraça  
Em torno dum ideal viril  
A gente moça, a nova raça  
Do nosso Brasil!<sup>5</sup>

Nota-se, de antemão, uma estrutura formal rígida, comporta por três estrofes em oitavas, com versos parcialmente isométricos, e com predomínio de versos octossílabos. A versificação também apresenta variações, com rimas cruzadas na 1ª estrofe, rimas interpoladas e cruzadas na 2ª estrofe, e rimas cruzadas na 3ª estrofe. Portanto, a letra do hino “O Fluminense é um crisol” destaca-se por seus aspectos de caráter marcial, típicos de hinos de clubes de futebol das primeiras décadas do século XX.

Quanto aos aspectos épicos, o hino composto por Coelho Netto apresenta uma variação da instância de enunciação na cena narrativa, passado na 3ª pessoa do singular – “O Fluminense é um crisol” – para a 1ª pessoa do plural – “Onde apuramos a energia”, ou seja, do clube como instância de ação para o pertencimento do sujeito da enunciação à coletividade de torcedores.

Por sua vez, dos demais aspectos épicos, apenas a identidade simbólica não é marcada textualmente. A espacialização faz-se presente tanto no âmbito nacional (Brasil), quanto no espaço do mito e da tradição (Grécia antiga), ou mesmo local (arena, estádio). E as virtudes são amplamente enaltecidas: energia, combatividade, vigor, virilidade, força, alegria, mocidade, glória.

Com relação aos aspectos dramáticos, constata-se apenas a presença de índices textuais de emoção – “Lutando em justas de alegria” –, enquanto a afetividade, o apelo à fidelidade e o louvor estão ausentes.

De acordo com Cláudia Mattos (1997: 54-56), a letra de Coelho Netto apresentava aspectos que refletiam certa postura elitista e racista quanto à sociedade brasileira da época. De origem nobre, um “clube de ingleses”, a “nova raça” do Brasil, apregoada na letra, não se referia à miscigenação, mas sim às origens elitistas do clube, que não aceitava jogadores negros em suas fileiras, nas duas primeiras décadas do século XX. Sem dúvida, esse foi um fator que influenciou na decisão de se compor um novo hino oficial para o clube no início da década de 1920.

Portanto, provavelmente devido a questões de ordem estética e ideológica, foi criado em 1920 o segundo hino oficial do Fluminense Football Club, com letra e música de Antônio Cardozo Menezes Filho:

Companheiros de luta e de glória  
Na peleja incruenta e de paz  
Disputamos no campo a vitória  
Do mais forte, mais destro e sagaz!

Nossas liças de atletas são mansas  
Como as querem os tempos de agora  
Ressuscitam heróicas lembranças  
Dos olímpicos jogos de outrora

Não nos cega o furor da batalha  
Nem nos fere o rival, se é mais forte!  
Nossas bolas são nossa metralha  
Um bom goal, nosso tiro de morte

Fluminense, avante, ao combate  
Nosso nome cerquemos de glória  
Já se ouve tocar a rebate  
Disputemos no campo a vitória.

Adestra a força e doma o impulso  
Triunfa, mas sem alardo  
O herói é bravo mas galhardo  
Tão forte d'alma que de pulso  
A força esplende em saúde  
E abre o peito à bondade  
A força é a expressão viva da virtude  
E garbo da mocidade<sup>6</sup>

Assim como o primeiro hino oficial, o segundo hino do Fluminense apresenta rigidez em sua forma, típica de hinos de caráter marcial, contendo cinco estrofes, sendo quatro quartetos com versos isométricos e uma oitava com versos parcialmente isométricos. Em termos métricos, o tipo de verso predominante é o eneassílabo, com algumas variações na 5ª estrofe. Já a versificação apresenta predomínio de rimas cruzadas (a-b-a-b etc.) na 1ª, 2ª, 3ª e 4ª estrofes, bem como nos versos 5 a 8 da 5ª estrofe, e com uma ocorrência de rimas interpoladas (h-i-i-h) nos versos 1 a 4 da 5ª estrofe.

Por sua vez, com relação aos aspectos épicos, a cena narrativa é composta a partir da instância de enunciação em 2ª pessoa do singular – “Fluminense, avante, ao combate” –, passando para a 1ª pessoa do plural – “Disputamos no campo a vitória” – e para a 3ª pessoa do plural enquanto índice pronominal – “Nossas liças de atletas são mansas”. Portanto, não há enunciação em 1ª pessoa do singular, o que evidencia o caráter marcial desse hino, e o emprego da 2ª pessoa do singular, através da forma imperativa, destaca o clube enquanto instância de ação. Já a 1ª pessoa do plural constrói, discursivamente, o pertencimento à

coletividade de torcedores do Fluminense, reforçado também pelo emprego da 3ª pessoa do plural como índice pronominal “nossos” / “nossas”.

Ainda com relação aos aspectos épicos, por um lado, nota-se também a ausência de marcação textual de identidade simbólica, ausência essa característica dos hinos marciais das primeiras décadas do século XX. Por outro lado, há uma inflação de termos que constroem a imagem virtuosa do clube: companheirismo, luta, glória, força (4x), destreza, sagacidade, mansidão, heroísmo, bravura, galhardia, saúde, bondade, virtude, garbo. E a espacialização é marcada por termos associados ao campo enquanto praça de batalha e de guerra. Aliás, a metáfora “futebol e guerra” se faz presente no texto da letra com toda sua força, por exemplo, nos versos “Na peleja incruenta e de paz”, “Não nos cega o furor da batalha”, e “Nossas bolas são nossa metralha / Um bom goal, nosso tiro de morte”.

Além disso, como não podia deixar de ser, aspectos dramáticos não foram explorados no texto desse hino, num exemplo típico de hinos de caráter marcial, em que predominam aspectos épicos e o sentido de virilidade e de combatividade – chegando às raias do belicismo – em detrimento da afetividade.

Cabe ressaltar ainda que o hino oficial do Fluminense, composto por Antonio Cardoso de Menezes Filho, assim como acontece com os primeiros hinos oficiais dos demais clubes do Rio de Janeiro, é pouco difundido entre a mídia e os torcedores.

Por fim, o terceiro hino do Fluminense Football Club, composto na década de 1940, com letra de Lamartine Babo e música de Lyrio Pannicalli, vai na contramão dos hinos anteriores, uma vez que rompe com a tradição marcial, assumindo um caráter eminentemente popular.

Antes de prosseguirmos com a análise do hino popular do Fluminense, necessitamos fazer um parêntese com relação a Lamartine Babo e seu papel como difusor de um determinado tipo de composição. Podemos afirmar com segurança que a transição dos chamados hinos marciais para os hinos populares no âmbito do futebol brasileiro se consolidou em meados da década de 1940. Sem dúvida tal transição está associada a Lamartine Babo, famoso compositor de marchas de carnaval que compôs nada mais nada menos do que os hinos de 11 clubes do Rio: América, time de coração do compositor, Botafogo, Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Bangu, todos considerados “grandes” na época, e dos times “pequenos” Madureira, Olaria, São Cristóvão, Bonsucesso e Canto do Rio (XAVIER, 2009: 52). Segundo consta, “Lalá”, como era conhecido, foi desafiado pelo radialista Héber de Bôscoli, com quem compunha o “Trio de Osso” juntamente com Yara Sales no programa Trem da Alegria, da Rádio Mayrink Veiga, a compor um hino por semana



para cada clube do Rio de Janeiro, desafio esse plenamente cumprido pelo compositor (VALENÇA, 1981:158). Aliás, Lamartine Babo faria escola também quanto ao estilo dos hinos de futebol, compostos como marchas-rancho ou “marchinhas”, como também eram conhecidas, e estas se diferenciavam das marchas militares em sua cadência. De acordo com Paulo Jebaili, “[o] hino de futebol escolhe a marcha porque é a festa. E a festa é sublimação da dor. A marcha é uma das primeiras manifestações de pessoas que se reuniam em blocos na rua para cantar a vida de forma lúdica” (JEBAILI, 2006:55).

Retomando a análise, a letra de autoria de Lamartine Babo é um dos mais belos hinos compostos para clubes do futebol brasileiro:

Sou tricolor de coração  
Sou do clube tantas vezes campeão  
Fascina pela sua disciplina  
O Fluminense me domina  
Eu tenho amor ao tricolor

Salve o querido pavilhão  
Das três cores que traduzem tradição  
A paz, a esperança e o vigor  
Unido e forte pelo esporte  
Eu sou é tricolor

Vence o Fluminense  
Com o verde da esperança  
Pois quem espera sempre alcança  
Clube que orgulha o Brasil  
Retumbante de glórias  
E vitórias mil

Vence o Fluminense  
Com o sangue do encarnado  
Com calor e com vigor  
Faz a torcida querida  
Vibrar de emoção o tricampeão

Sou tricolor de coração  
Sou do clube tantas vezes campeão  
Fascina pela sua disciplina  
O Fluminense me domina  
Eu tenho amor ao tricolor

Salve o querido pavilhão  
Das três cores que traduzem tradição  
A paz, a esperança e o vigor  
Unido e forte pelo esporte

Eu sou é tricolor

Vence o Fluminense  
Usando a fidalguia  
Branco é paz e harmonia  
Brilha com o sol  
Da manhã  
Com a luz de um refletor  
Salve o Tricolor <sup>7</sup>

Primeiramente, podemos constatar que, em termos formais, a letra apresenta variação, portanto, sem a mesma rigidez das letras dos primeiros hinos, e contém seis estrofes, sendo quatro quintilhas, uma sextilha e uma septilha. Os tipos de versos variam entre redondilha maior, octossílabo e decassílabo, e há paridade entre os versos 1 e 2 da 1ª, 2ª e 4ª estrofes quanto à rima.

Em segundo lugar, por se tratar de uma letra de caráter popular, os elementos épicos se fazem presentes com toda sua força, a começar pela cena narrativa, em que predomina a 1ª pessoa do singular, aspecto sempre ausente nos hinos marciais: “Sou tricolor de coração / Sou do clube tantas vezes campeão” / “Eu sou é tricolor”. A 3ª pessoa do singular também assume papel de destaque na letra: “Fascina pela sua disciplina / O Fluminense me domina”; “Clube que orgulha o Brasil”; “Vence o Fluminense / Com o sangue do encarnado / Com calor e com vigor / Faz a torcida querida / Vibrar de emoção o tricampeão”; “Vence o Fluminense / Usando a fidalguia”. Se a 1ª pessoa do singular enfatiza o fascínio do torcedor pelo clube, assegurando-lhe a sua individualidade, a 3ª pessoa do singular apresenta o clube como agente da ação.

Além disso, a letra inclui feitos heroicos e conquistas: “Retumbante de glórias / E vitórias mil” / “Faz a torcida querida / Vibrar de emoção o tricampeão”, sendo que este último verso refere-se à conquista dos títulos de Campeão Carioca dos anos de 1917, 1918 e 1919. Já a espacialização, enquanto marca textual, refere-se ao âmbito nacional no verso “Clube que orgulha o Brasil”, e a identidade simbólica é amplamente explorada, sobretudo com relação às cores do tricolor – verde, vermelho e branco: “Salve o querido pavilhão / Das três cores que traduzem tradição” / “Com o verde da esperança” / “Com o sangue encarnado” / “Branco é a paz e harmonia” / “Salve o tricolor”.

Por sua vez, os aspectos dramáticos também são bem marcados na letra composta por Lamartine Babo. Por seu caráter popular, há espaço para a afetividade – “Sou tricolor de coração” / “Eu tenho amor ao tricolor” –, a emoção – “Fascina pela sua disciplina / O Fluminense me domina” / “Faz a torcida querida / Vibrar de emoção o tricampeão” –, o apelo

à fidelidade – “Sou tricolor de coração”; “Eu sou é tricolor” – e o louvor – “Salve o querido pavilhão”; “Salve o tricolor”.

Portanto, podemos afirmar que o hino popular composto por Lamartine Babo e executado nos momentos de festividade e de conquistas do Fluminense suplanta os hinos anteriores, pois vai à contramão de ideias de eugenia racial do primeiro hino, ou mesmo do tom belicista do segundo hino. Lamartine Babo, que nem era torcedor do Fluminense, mas sim torcedor fanático do América do Rio, teve a sensibilidade para compor um texto que muito nos diz com relação ao modo de cantar os feitos de um clube com alegria e, sobretudo, tolerância.

### **3. Dos hinos marciais aos populares: um estudo comparado**

Iniciaremos nosso estudo comparado, partindo dos aspectos líricos. Dentre as letras analisadas, nenhuma possui forma marcada (rondó, rondel, soneto etc.). Porém, as letras dos primeiros hinos oficiais do Benfica e do Fluminense, em geral, apresentam maior rigidez quanto à estrofação, à versificação e à estrutura das rimas. Isso não significa que nos segundos hinos oficiais os aspectos formais recebam menor atenção. O que ocorre é uma espécie de “abrandamento” dessa rigidez, e um dos aspectos que pode contribuir para isso é de ordem melódica, ao se passar do hino marcial para a marcha popular, aspecto esse, aliás, não contemplado no presente estudo, uma vez que nosso enfoque recai apenas sobre a letra da música.

Com relação aos aspectos épicos, especificamente na constituição da cena narrativa, constata-se um predomínio da 1ª pessoa do plural em praticamente todos os hinos analisados, com exceção do hino popular do Fluminense, em que esta está ausente. Isso se deve ao fato de a individualidade ser preterida em prol do sentimento de coletividade e de pertencimento ao grupo de torcedores de uma dada agremiação.

Ainda com relação à constituição da cena narrativa, constata-se o emprego da 1ª pessoa do singular no segundo hino oficial do Benfica e no hino popular do Fluminense.

Além disso, a 3ª pessoa do singular, empregada para enunciar sobre os feitos e virtudes do clube, está presente em praticamente todas as letras, com exceção da letra do segundo hino oficial do Fluminense.

De todos esses traços, diríamos que a passagem da 1ª pessoa do plural para a 1ª pessoa do singular é a marca mais significativa da transição do hino de caráter marcial para o hino popular, pois explicita a subjetividade do torcedor enquanto indivíduo, dando margem a outros aspectos, anteriormente ausentes, como índices de afetividade, emoção e louvor.

Por sua vez, com relação aos índices de espacialização, constata-se a ausência de termos espaciais apenas no primeiro hino do Benfica, e as incidências dos demais derivam dos âmbitos local e nacional, não havendo nenhum caso de termo que aludisse ao âmbito internacional.

Com relação aos índices textuais que aludem a feitos heroicos e conquistas ou virtudes, constatamos que eles são recorrentes em todas as letras analisadas. A diferença, nesse caso, está no fato de que predominam as virtudes, sempre atemporais, enquanto os feitos heroicos e conquistas se fazem presentes apenas no hino popular do Fluminense. Nos hinos de clubes portugueses em geral, não é comum a indicação de conquistas específicas, mesmo naqueles hinos que já não apresentam mais a mesma rigidez formal dos hinos marciais.

Já a identidade simbólica é marcada textualmente nas letras do primeiro e do segundo hino do Benfica, e está ausente nas letras dos dois primeiros hinos oficiais do Fluminense. Em geral, a identidade simbólica é textualmente construída a partir de determinado tipo de expressão, como é o caso das cores do clube, do escudo, ou mesmo das designações e alcunhas.

Por fim, com relação aos aspectos dramáticos, constatamos que os hinos do Benfica apresentam termos que aludem à afetividade, embora não predomine a 1ª pessoa do singular, mas sim a 1ª pessoa do plural. Já os dois primeiros hinos do Fluminense, de caráter marcial, não apresentam marcações de afetividade nas respectivas letras. Esta adquire destaque especial no hino popular do Fluminense, composto por Lamartine Babo. Identifica-se, também, uma variação com relação ao apelo à fidelidade, que está ausente tanto nos primeiros hinos do Benfica, quanto nos dois primeiros hinos do Fluminense. E a emoção enquanto índice discursivo está presente nos hinos do Benfica, mas totalmente ausentes no segundo hino oficial do Fluminense. Já o louvor está ausente nos dois hinos do Benfica e nos dois hinos oficiais do Fluminense. Portanto, afetividade e louvor são os aspectos dramáticos que se expressam através da mudança dos hinos marciais para os populares.

### **Considerações Finais**

Constatamos que os hinos, enquanto parte do arsenal de símbolos de toda agremiação, contribuem para a construção da imagem do clube, mas também estão sujeitos a atualizações.

Tais atualizações podem ser de ordem política (Benfica), ideológica (Fluminense) ou cultural (Fluminense). Embora nosso estudo não tenha focado o canto das torcidas entoado

nos estádios, constata-se que, cada vez mais, tais cantos também são formas de atualização (p. ex., de feitos heroicos e conquistas) em relação aos textos dos hinos oficiais ou mesmo populares.

Nosso estudo revelou também que pode haver distinções de ordem cultural, pois os clubes portugueses, em especial o Benfica, não passaram por um fenômeno que emprestasse um caráter popular a seus hinos, como é o caso dos clubes brasileiros, num processo em que Lamartine Babo não só foi pioneiro, como também fez escola e influenciou a criação de novos hinos para clubes de todas as partes do país, tendo por fonte de inspiração as marchinhas de Carnaval. Se há, por assim dizer, um “abrandamento” da rigidez formal no segundo hino do Benfica, ainda há em suas letras elementos comuns aos hinos marciais. Já no caso brasileiro, a letra do hino do Fluminense composto por Lamartine Babo apresenta um caráter popular maior.

Além disso, pensamos as tradições e os imaginários dos clubes como resultados de processos discursivos de construção a partir de contextos de emergência específicos, cujas marcas ficam registradas no próprio texto da letra de seus respectivos hinos. Seriam, pois, construções que estão na base das “comunidades imaginadas”, como aponta Benedict Anderson (1983).

Por fim, ressaltamos que dificuldades se impõem em estudos dessa natureza, sobretudo com relação à falta de informações e de fontes confiáveis, através das quais possamos não só ter acesso às letras, como também obter maiores informações sobre autoria e contexto em que foram compostas. Mesmo os sites oficiais de clubes brasileiros e portugueses, muitas vezes, dão mais espaço para o marketing, relegando a história das agremiações ao segundo plano. Sendo assim, esperamos que estudos dessa natureza contribuam para resgatar a memória e a história desses clubes, bem como a história do futebol em Portugal e no Brasil.

### **Referências Bibliográficas**

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Londres; Nova York, 1983.

BILAC, Olavo; PASSOS, Guimaraens. *Tratado de versificação*. 6. ed., São Paulo; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

JEBAILI, Paulo. “Para cantar de cor”. *Língua Portuguesa: Especial Futebol e Linguagem*, Ano I: 55, 2006.

MATTOS, Cláudia. 1997. “Fluminense e a origem nobre”. In: MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco: 45-61.

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo, Desa. (Burity; 5), 1965.

VALENÇA, Suetônio Soares. *Tra-la-lá*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. São Paulo: Panda Books, 2009.

### Sites consultados

Hinos do Fluminense Football Club. Disponível em:  
[http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=83&Itemid=83](http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=83&Itemid=83); acesso em: 05 Ago. 2009.

Hinos do Sport Lisboa e Benfica. Disponível em:  
<http://universobenfiquista.blogspot.com/2010/03/o-hino-do-benfica-censurado-pelo-regime.html>; acesso em: 20 de novembro de 2011.

História da censura do primeiro hino oficial do Sport Club Lisboa e Benfica. Disponível em:  
<http://universobenfiquista.blogspot.com/2010/03/o-hino-do-benfica-censurado-pelo-regime.html>; acesso em: 20 de novembro de 2011.

### Notas

<sup>1</sup> O presente artigo resulta de pesquisa apresentada em forma de pôster durante o XIV. Congresso Internacional Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, realizado de 02 a 04 de abril de 2012, no Minas Centro, em Belo Horizonte, e, respectivamente, em 05 de abril na UFOP, em Ouro Preto.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://universobenfiquista.blogspot.com/2010/03/o-hino-do-benfica-censurado-pelo-regime.html>; acesso em: 20 de novembro de 2011.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://universobenfiquista.blogspot.com/2010/03/o-hino-do-benfica-censurado-pelo-regime.html>; acesso em: 20 de novembro de 2011.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://universobenfiquista.blogspot.com/2010/03/o-hino-do-benfica-censurado-pelo-regime.html>; acesso em: 20 de novembro de 2011.

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=83&Itemid=83](http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=83&Itemid=83); acesso em: 05 Ago. 2009.

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=83&Itemid=83](http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=83&Itemid=83); acesso em: 05 Ago. 2009.

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=83&Itemid=83](http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=83&Itemid=83); acesso em: 05 Ago. 2009.

### **Principais publicações:**

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2003. “Esporte e discurso totalitário”. In: MARI, Hugo (et al.) (org.). *Análise do Discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG: 315-350.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2006. “Olimpia a serviço de Gêrmania: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia Antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim”. *Clássica*, v. 19, São Paulo: 196-223.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2006. “A ‘linguagem do futebol’ segundo Pasolini: ‘futebol de prosa’ e ‘futebol de poesia’”. *Caligrama. Revista de Estudos Românicos*, v. 11, Belo Horizonte: 171-199.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2006. “Análise do Discurso e espetacularização em eventos da mídia”. In: EMEDIATO, Walder (et al.) (org.). *Análise do Discurso: Gêneros, Comunicação e Sociedade*. Belo Horizonte: FALE/UFMG: 37-51.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2012. “Imagem e Memória em torno de Futebol e Política no Cinema”. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; VIEIRA, Elisa Amorim; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Imagem e Memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG: p. 429-442.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2012. “Hinos de futebol nas Gerais: dos hinos marciais aos populares”. *Aletria* (UFMG), v. 22, n. 2: 59-71.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2012. “Sentimento e política no futebol alemão: construções da 'Nação' em 1990 e 2006”. *História. Questões e Debates*. v. 57: 73-99.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; FERREIRA, Luciane Corrêa; SILVA, Marcelino Rodrigues da (orgs.). 2012. Dossiê “Esporte, Literatura e Cultura”. *Aletria* (UFMG), v. 22, n. 2: 7-9.